

SEMIÓTICA DAS PAIXÕES: O RESSENTIMENTO

José Luiz FIORIN¹

Os desgostos secretos são mais cruéis do que as misérias públicas. (Voltaire, 1998, p.76)

At Romae ruere in servitium consules, patres, eques. Quanto quis inlustrior, tanto magis falsi ac festinantes, vultuque composito, ne laeti excessu principis neu tristiores primordio, lacrimas gaudium, questus adulationem miscebant. (Tácito, *Anais*, I, 7)²

- RESUMO: Este trabalho, depois de mostrar as razões por que a Semiótica sentiu necessidade de estudar, de maneira rigorosa, as paixões, nota que Greimas distingue o discurso apaixonado do discurso da paixão. Essa diferença aponta para uma dupla manifestação dos sentimentos no discurso: na enunciação e no enunciado. Naquela, cria-se um tom patêmico; neste, os afetos podem ser mencionados ou representados. A Semiótica, ao examinar as paixões, não perscruta temperamentos ou caracteres. Os efeitos de sentido passionais são construções de linguagem, pois derivam de arranjos provisórios, de intersecções e de combinações de modalidades diferentes. Depois de fazer ver que os afetos marcam profundamente a vida na universidade e que, entre eles, o mais importante parece ser o ressentimento, este estudo faz uma descrição dessa paixão e mostra as implicações de sua presença no convívio acadêmico.
- PALAVRAS-CHAVE: Discurso da paixão; discurso apaixonado; modalização do ser; ressentimento; enunciação; enunciado.

O estudo das paixões em Semiótica

O estudo das paixões sempre interessou a filosofia: aparece no estudo do *páthos* do auditório, no segundo livro na *Retórica*, de Aristóteles; é objeto de

¹ USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Linguística – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil. Endereço eletrônico: fl@usp.br

² Enquanto isso, em Roma, precipitaram-se na servidão cônsules, senadores, cavaleiros. Quanto mais ilustres, tanto mais hipócritas e ansiosos; com o rosto composto, para não parecer alegres com a morte de um príncipe nem tristes com a ascensão de um outro, misturavam lágrimas e alegria, lamentos e adulação.

diferentes tratados das paixões, onde se busca fazer sua tipologia e sua classificação (cf., por exemplo, *Passions de l'âme*, de Descartes (1990)). Os antigos viam a paixão (o *páthos*) como uma *morbus animi* e, por conseguinte, como patologia. A paixão opunha-se à lógica: aquela subsumia a loucura, a morte, a obscuridade, o caos, a desarmonia, enquanto esta abarcava o que era da ordem da razão, da vida, da claridade, dos cosmos, da harmonia. Essa maneira de considerar os estados passionais começa a mudar no século XVIII, quando se passa a conceber a paixão como o que impele o homem à ação e o que o eleva às grandes coisas.

A Semiótica, ao reconhecer que há um componente patêmico a perpassar todas as relações e atividades humanas, que ele é o que move a ação humana e que a enunciação discursiviza a subjetividade, mostra que as paixões estão sempre presentes nos textos. A teoria narrativa desenvolvida inicialmente explicava o que se poderiam chamar estados de coisas, mas não o que se denominariam estados de alma (GREIMAS; FONTANILLE, 1993). Ela trabalhava com textos em que há transferência de objetos tesarizáveis ou com textos em que há estruturas diversas de manipulação e de sanção. Seria preciso ocupar-se de textos que operam com a paixão, definida como qualquer “estado de alma”. O sentimento não se opõe à razão, pois é uma forma de racionalidade discursiva. Os estados patêmicos são, por exemplo, a cólera, o amor, a indiferença, a tristeza, a frustração, a alegria, a amargura... A Semiótica, ao examinar as paixões, não faz um estudo dos caracteres e dos temperamentos. Ao contrário, considera que os efeitos afetivos ou passionais do discurso resultam da modalização do sujeito de estado. Por exemplo, a *obstinação* define-se como um querer ser aliado a um não poder ser, enquanto a *docilidade* reúne um querer ser a um poder ser. O obstinado é aquele que quer, apesar da impossibilidade evidente, enquanto o dócil limita-se a desejar o que é possível (FONTANILLE, 1995, p.182).

A história modal do sujeito de estado (transformações modais que vai sofrendo) permite estudar textos narrativos fundados sobre um processo de construção ou de transformação do ser do sujeito e não apenas do seu fazer. Os efeitos de sentido passionais derivam de organizações provisórias de modalidades, de intersecções e combinações entre modalidades diferentes. Por exemplo, a vergonha define-se pela combinação do *querer ser, não poder não ser e saber não ser*. Os arranjos modais que têm um efeito de sentido passional são determinados pela cultura.

A paixão, entendida como ordenação de modalidades, permite estabelecer uma diferença entre o atualizado (apreensão de um predicado do ponto de vista das condições de realização) e o realizado. A distinção entre *querer morrer e morrer* reside no fato de que, no primeiro, uma série de roteiros é possível, enquanto no segundo, não. A diferença entre o atualizado e o realizado permite,

pois, estabelecer potencializações, o que possibilita analisar fatos que parece contrariarem a lógica narrativa (FONTANILLE, 1995, p.175-190). São exemplos disso o *apego* que perdura após a morte do ser amado, objeto de fina análise em *Memorial de Aires*, de Machado de Assis (cf., por exemplo, 1979, p.1190-1191); o *ciúme*, sentimento indiferente ao fato de o outro ser fiel ou não.

São quatro as modalidades básicas: querer, dever, saber e poder. A elas acrescentam-se as modalidades veridictórias, resultantes de um jogo entre o *ser* e o *parecer*. As paixões são efeitos de sentido das compatibilidades e incompatibilidades das qualificações modais que modificam o sujeito de estado. Essas qualificações organizam-se sob a forma de arranjos sintagmáticos. Além disso, elas ganham uma aspectualização (por exemplo, o *remorso* diz respeito à ação acabada, enquanto o *medo* concerne ao não começado; a *ira* é pontual, enquanto o *rancor* é durativo); uma temporalização (há paixões voltadas para o passado, como a *culpa*, ou para o futuro, como o *temor*) e uma modulação tensiva (há estados patêmicos intensos, como o *furor*, e extensos, como o *enfado*: aqueles parece terem objeto bem definido, como acontece com a *tristeza*, a *felicidade*, a *indignação*; estes têm um campo de referência que parece incluir tudo, como no *sentimento de culpa*, na *melancolia*, na *apatia*).

As paixões manifestam-se comportamental (por exemplo, a adulação, a blandícia, a agressão, os gritos, as palavras doces) ou fisiologicamente (por exemplo, aumento de batimentos cardíacos, choro, riso, sudorese, respiração ofegante, ampliação dos níveis de adrenalina ou serotonina).

Greimas (1983, p.246) termina seu texto seminal sobre a análise das paixões, dizendo que há uma diferença entre o “discurso apaixonado” e o “discurso da paixão”. Pode-se tomar essa distinção para dizer que a Semiótica estuda as paixões manifestadas na enunciação e no enunciado.

Na enunciação, temos o “discurso apaixonado”, quando dos elementos lingüísticos depreende-se um tom passional presente no próprio ato de tecer o texto. Por exemplo, quando se lê o poema *Navio negreiro*, de Castro Alves, percebe-se a indignação com que se enunciam seus versos. É a chamada “ira condoreira” que preside ao ato enunciativo. Tomemos um exemplo do final do poema:

Existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas de esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteada dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!...
Extingue nesta hora o *brigue imundo*
O trilho que Colombo abriu na vaga,
Como um íris no pélagos profundo!...
... Mas é infâmia de mais... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada! arranca este pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta de teus mares! (ALVES, 1972, p.183-184)

Os vocativos; as apóstrofes; as invocações a Deus; a convocação da natureza e dos heróis do passado; as reticências e os travessões, que indicam as pausas dramáticas; os pontos de exclamação, que modulam a ênfase; a combinação de pontos de exclamação e de reticências ou de ponto de interrogação com ponto de exclamação; a linguagem grandiosa e forte, tudo isso leva à apreensão do sentimento de indignação que constrói esse discurso apaixonado. Esse discurso patemizado conduz-nos à apreensão *éthos* do enunciador (um ator da enunciação), que está tomado pelo sentimento que imprime ao produto de seu ato enunciativo.

No enunciado, a paixão é mencionada³ ou representada. No primeiro caso, aborda-se a paixão a partir da definição do lexema. Lembra Greimas (1983, p.225) que “os lexemas se apresentam muitas vezes como condensações que recobrem, por pouco que se as explicitem, estruturas narrativas e discursivas bastante complexas”. Nota ainda o semioticista francês que as definições do dicionário se situam no interior de uma cultura (GREIMAS 1983, p.225). A paixão representada é aquela figurativizada pelas ações dos “seres humanos” nos discursos que simulam o mundo ou pelos atos dos indivíduos numa situação tomada *sub specie significationis*, ou seja, como texto. Em *Gobseck*, de Balzac, examinam-se a avareza e os prazeres proporcionados pela posse da riqueza; em *Anotada pecuniária*, conto de Machado de Assis, escrutina-se a alma de um avaro; em *Otelo*, de Shakespeare, desvelam-se o ciúme e a manipulação dos estados de alma de outrem; em *Il Gattopardo*, de Tommaso di Lampedusa, dão-se a conhecer a descrença e o enfado com a mudança; no episódio do fermento

³ Observe-se o trecho que segue, retirado do romance *Helena*, de Machado de Assis: “Vinculada a um homem que, sem embargo do afeto que lhe tinha, despendia o coração em amores adventícios e passageiros, teve a força de vontade necessária para dominar a paixão e encerrar em si mesma todo o ressentimento” (ASSIS, 1979, p.279).

do príncipe Andrei, em *Guerra e Paz*, de Tolstói, delineia-se o sutil problema da vergonha do medo e do medo da vergonha; no filme *Salò, os 120 dias de Sodoma*, de Pasolini, mostra-se como a exacerbação do medo faz ruírem as normas da vergonha.

As paixões podem ser simples ou complexas. Aquelas são efeito de sentido de uma única relação modal do sujeito com o objeto. A cobiça é descrita como um *querer ser*. Esse estado passional não requer nenhum percurso modal anterior. Já as complexas são aqueles que resultam do encadeamento de vários percursos passionais (GREIMAS, 1983, p.225-226).

Universidade e paixões

Ainda vive na universidade a idéia de que a paixão se opõe à lógica. Esta tem cidadania nas relações e atividades acadêmicas; aquela, não. Portanto, pretende-se apresentar a universidade como um universo despassionalizado, em que dominam a impessoalidade, a objetividade, os critérios de mérito, a argumentação lógica. Deseja-se lançar a paixão na esfera dos assuntos privados. No entanto, na medida em que a paixão é o móvel a impelir os seres humanos à ação, não pode estar ausente da vida acadêmica, não pode deixar de definir as relações do eu com a instituição em que vive, não pode estar ausente das interações sociais. Na verdade, o que precisaria impulsionar a pesquisa deveria ser a *curiosidade*, o que necessitaria presidir ao ensino seria o *entusiasmo*. No entanto, de há muito esses estados passionais desertaram das salas e dos corredores da academia. A curiosidade, definida por um *querer saber*, deveria ser modulada por um clímax de intensidade e por um máximo de extensidade (um desejo irrefreável de saber tudo). Na realidade, os critérios burocráticos de produtividade estão levando a nenhuma curiosidade e ao encerramento em especialidades cada vez mais restritas. Na medida em que os pesquisadores vão-se tornando cada vez mais especialistas, não têm nenhuma amplitude intelectual e passam a ver os pontos de vista teóricos com que trabalham como a verdade, que explica o objeto em toda a sua complexidade. Ora, isso vai levando a um estiolamento da pesquisa, porque não se pensa fora dos quadros da *dóxa*. Surgem então dogmas, sumos pontífices, excomunhões, num processo de criação de igrejas. Por outro lado, com esse perfil, ninguém pode entusiasmar os alunos para a aventura do conhecimento, para o risco da dúvida, para a probabilidade do erro, para a necessidade do recomeço.

No entanto, os afetos marcam profundamente as relações acadêmicas. Não se trata do companheirismo, da benevolência, estados passionais da vida. O que governa a vida universitária são as paixões da morte: hostilidades, rancores,

invejas, ressentimentos... Essa é a parte sombria da universidade. Nas relações acadêmicas, o *éros* está completamente ausente e o *thánatos* reina triunfante. E o sentimento que domina tudo é o ressentimento. Vamos buscar entendê-lo e verificar como ele se manifesta na academia.

O ressentimento

Na língua, as paixões recobrem-se umas às outras e, muitas vezes, é difícil distingui-las entre si. O *ressentimento* confunde-se com a *amargura*, com a *inveja*, com o *rancor*, com a *decepção* e assim por diante. Para descrever, com precisão, o afeto de que nos ocupamos é preciso ver como se dispõem as modalizações que o definem.⁴ Começamos por decompor as unidades sintagmáticas autônomas, a sucessão de estados de alma do sujeito. *Ressentimento* é definido pelo Houaiss como “mágoa que se guarda de uma ofensa ou de um mal que se recebeu”; o Robert, como “o fato de lembrar-se com animosidade dos males, das ofensas que se sofreu (como se os ‘sentisse’ ainda)”.

Inicialmente, há uma espera fiduciária. Um sujeito quer que outro lhe atribua um determinado objeto, a que ele empresta um grande valor. Além disso, não apenas quer que o sujeito realize seu desejo, mas crê que ele deve fazê-lo. Como ele não tem certeza de que o sujeito vai realizar o que ele acha que ele deve fazer, sua espera é tensa.

A expectativa do sujeito não se realiza e, então, ele sabe que o outro não fará o que ele quer. É tomado, nesse momento, pela decepção com o sujeito que não realizou o que ele cria que ele faria e pela insatisfação pelo fato de saber que é impossível adquirir o objeto desejado. A decepção não é apenas com o outro, mas também consigo mesmo, que não soube em quem deveria depositar sua confiança. Esses dois sentimentos constituem um profundo descontentamento, que é vivenciado como um forte sentimento de injustiça, por não ter recebido aquilo que se considerava de direito.

Quando se é admitido na universidade, o objeto que se deseja e a que se julga ter direito é o reconhecimento, que se manifesta em prestígio, “o fato de impressionar a imaginação, de impor respeito, admiração”, que se traduz pelo murmúrio aprovador dos corredores. Esse reconhecimento do valor de alguém pode ainda ser chamado glória, notoriedade. No fundo, essa expectativa do reconhecimento é uma aspiração à auto-estima. Espera-se que o sujeito “universidade” realize essa performance. A universidade são os pares (os colegas

⁴ Na descrição do *ressentimento*, utilizar-se-ão sugestões dos textos *De la colère*, de Greimas (1983, p.246) e *Paixões e apaixonados*, de Barros (1989-1990). Influenciaram também nossa maneira de considerar o ressentimento as leituras de Nietzsche (1971), Scheler (1958), Merton (1965) e Kehl (2004).

de magistério) e os alunos. Quando se sabe que não se pode alcançar o reconhecimento, surge a insatisfação; quando não se crê que a universidade dará ao docente o prestígio esperado, ocorre a decepção. Mais ainda, não só não se crê que o sujeito não fará o que se espera, mas que fará o oposto daquilo com que se conta. Bem entendido, esse fazer contrário deve ser analisado do ponto de vista do sujeito da expectativa. Não importa se a esperança está fundamentada em dados reais, objetivos, ou imaginários, subjetivos. Como mostra Greimas (1983, p.230), o sujeito em quem se confia que fará alguma coisa para nós será um simulacro, uma imagem do outro que preside às relações intersubjetivas. Sempre nos relacionamos com imagens do outro, porque não podemos nunca ter acesso a suas intenções mais recônditas.

A insatisfação e a decepção são estados terminativos, suscetíveis de transformar-se num sentimento de falta, incoativo. Na medida em que tínhamos duas esperas que conduziram, pela não realização do que se desejava, a um duplo descontentamento (a insatisfação e a decepção), há que distinguir uma falta objetual de uma falta fiduciária. Aquela é a carência do objeto que se desejava; esta é uma crise de confiança.

O *ressentimento* é a consciência aguda e reiterada dessa falta (“o fato de lembrar-se com animosidade dos males, das ofensas que se sofreu (como se os ‘sentisse’ ainda)”). No entanto, é preciso notar que ele na verdade não é uma paixão resultante da insatisfação, isto é, da carência do objeto, mas da decepção, ou seja, da falta fiduciária. Ele decorre de um profundo sentimento de uma injustiça sofrida.⁵ A ausência do reconhecimento de si mesmo pelos pares é a negação da própria existência acadêmica. Esse estado passional é imperfectivo, ou seja, inacabado e, por conseguinte, durativo. O prefixo *re-* indica que se trata de uma duratividade descontínua, é como se o ressentido sentisse outra vez a ofensa ou o mal sofrido como no momento em que eles foram cometidos, é um eterno retorno, é uma reiteração incessante do sentimento. Aspectualizado pela iteratividade, a temporalidade do ressentimento é o presente. Além disso, esse estado passional é modulado pela intensidade. Seu andamento é lento. No entanto, a questão central não é a ofensa em si que dói, mas é o fato de que o sujeito que deveria fazer alguma coisa não o fez. Não passa pela cabeça do ressentido da universidade de que não recebeu o reconhecimento que esperava porque não tem méritos para tanto. Isso seria admitir que não tem competência para ocupar o lugar em que está. Ele tem a pretensão de ser mais do que é. Por isso, apresenta-se como vítima, como alguém “passado para trás”. Dessa forma, ele desincumbe-se de qualquer responsabilidade pelo seu status acadêmico. No entanto, ao contrário da *amargura* ou do *rancor*, que não têm conseqüências pragmáticas, o

⁵ Na peça *Amadeus*, de Peter Shaffer, o estado de alma de Salieri em relação a Deus derivava do sentimento de injustiça oriundo do fato de ele julgar que o Todo-poderoso tinha feito de Mozart, considerado um devasso, e não ele, um homem virtuoso, sua voz.

ressentimento desperta a *malevolência*, que rege as relações intersubjetivas de desconfiança e que se define por um *querer fazer mal* ou por um *querer não fazer bem*.

Diz-se que, quando o sujeito tem consciência da falta, ele busca repará-la ou resigna-se. O sujeito ressentido não entra num estado de resignação. Despertam-se nele sentimentos malevolentes, o que significa que tem um querer reparar a falta. Tem sentimentos difusos de ódio, de inveja, de hostilidade. No entanto, falta-lhe o poder fazer. O *ressentimento* é a paixão dos impotentes, dos fracos. Se fosse dotado da modalidade forte do poder fazer, o ressentido poderia vingar-se dos que não fizeram o que ele cria que deveriam fazer-lhe, poderia “dar-lhes o troco”. No entanto, sobra-lhe apenas o desejo de vingança, o querer fazer mal a alguém. O ressentido é o vingativo que recalca seu desejo de vingança. Resta-lhe uma cólera contida. Trata-se de um sujeito frágil, que se coloca na defensiva. Apesar de recalçado, o ressentimento manifesta-se, expressa-se, exterioriza-se em certas condutas, num dado estado de humor e em determinados comportamentos. É preciso reequilibrar as paixões. Como pode o ressentido fazer isso se não pode reagir fortemente à “ofensa” recebida, aplacando, assim, o sentimento da injúria ou do agravo? Como é moralmente covarde, o ressentido tem duas atitudes: a queixa e a acusação.

A primeira posição é a do lamuriento, daquele que se queixa de não ter boas condições de trabalho, de ter sido perseguido, de fazer todas as atividades rotineiras, enquanto os colegas têm tempo para a pesquisa e assim sucessivamente. Ele cobra, o tempo todo, supostas reparações, que imagina lhe sejam devidas. A segunda é a daqueles que invertem os valores acadêmicos, transformando o que é negativo em valor positivo, em virtude o que, em princípio, é um defeito. Nesse momento, falsifica-se, deforma-se a imagem alvo dos ressentimentos. Ela é mostrada como uma mentira: parece, mas não é. Essa é uma vingança simbólica, uma vingança recalçada, uma vingança do covarde. Ela é responsável pelo ambiente de fuxico, de difamação, de detração, de desmoralização dos outros nos corredores. Busca-se reequilibrar as paixões, destruindo o prestígio dos outros. O ressentido é um vingativo que não aparece como tal,⁶ porque não se reconhece como tal. Sempre é mal-humorado, embora, às vezes, esse estado de ânimo manifeste-se como gravidade, circunspeção, austeridade, compostura, seriedade. A sensibilidade ressentida é o domínio dos implícitos, das insinuações, dos silêncios, da meia-voz, dos sussurros, das conversas ao pé do ouvido, dos murmúrios, do segredar, dos subentendidos... Nada é claro, nada é feito à luz do dia, nada é dito em alto e bom som.

⁶ A vingança não tem nenhum sabor, se aquele que a sofre não sabe que se trata de uma retaliação e não conhece aquele que a exerce. Observe-se, por exemplo, o romance *O conde de Monte Cristo*, um estudo fino desse estado de alma, em que o prazer, advindo do reequilíbrio patêmico, só se consuma quando o outro descobre que os males que está sofrendo são resultado de uma vindita.

O que é a inversão dos valores supramencionada? É, por exemplo, considerar que ser produtivo é, na verdade, ser carreirista e, portanto, superficial. Há pouco tempo um pesquisador em Ciências Humanas perdeu sua bolsa em produtividade em pesquisa do CNPq, sob a justificativa de que, na área em que atuava, publicar muito era mau sinal. Não se fez uma avaliação do trabalho do pesquisador. Simplesmente, contou-se o número de seus trabalhos e daí se inferiu que ele é carreirista e superficial. Fazer pouco, muito pouco, é considerado seriedade. A mediocridade acadêmica é, assim, erigida em valor pelo ressentimento que grassa na academia. Essa mediania não apenas desestimula a produtividade, mas também desencoraja a liberdade intelectual, apresenta uma surda resistência à inovação e à invenção intelectual, pois tem aversão pelas idéias, pela liberdade de espírito, pela crítica. Nada é considerado mais afrontoso, em nossa instituição, do que criticar um ponto de vista. É como se atingíssemos a honra do pesquisador. É, por isso, que temos apenas resenhas a favor; que nas apresentações de comunicações se fazem perguntas e não se apresentam objeções; que essas questões são precedidas de inúmeros elogios. E a contraparte disso é a maledicência nos corredores.

Observe-se como o texto que segue, publicado na seção *Cartas* da revista *VEJA*, de 23 de maio de 2007, é a expressão do que se está mostrando, o universo de queixas e acusações dos ressentidos. Este texto foi publicado por ocasião da invasão da reitoria da USP pelos estudantes:

Fui docente em duas universidades públicas paulistas e sei que nelas se confunde autonomia com falta de transparência e de isenção. Em nome da autonomia, criam-se feudos, entronizam-se os manda-chuvas de plantão e excluem-se quantos não se rendam a esse mandonismo despudorado. No caso da autonomia financeira, é claro que cabe às universidades definir a aplicação dos montantes recebidos. Isso não significa, porém, que não deva haver a devida prestação de contas aos contribuintes que sustentam a própria universidade. Exigir a prestação de contas, aliás, poderá mostrar o excesso de gastos em despesas-meio e de abusos, como as gratificações e mordomias que sempre beneficiam os mesmos apaniguados (p.36).

Uma das técnicas do ressentido é enunciar uma proposição da qual ninguém pode discordar (no caso, a obrigação que têm as universidades de prestar contas do dinheiro que recebem dos contribuintes) com acusações inverídicas (a de que não existe prestação de contas e a de que há um sistema de gratificações e mordomias distribuídas aleatoriamente).

Na medida em que os ressentidos parece estarem defendendo as virtudes acadêmicas como a seriedade, dão a impressão de estar colocados numa posição de superioridade moral. O ressentido, hoje, passa por ser aquele que não se curvou

às imposições do mercado, que não aceitou as avaliações burocráticas, que se manteve fiel a uma concepção de universidade fora e acima das coerções históricas, que não se corrompeu. Opõem-se, assim, os bons e os maus; os sérios e os carreiristas. Por ser a paixão do recalçamento do desejo de vingança, o ressentimento não pode nomear-se, não pode reconhecer-se como tal.

Observe-se que Nietzsche (1971, p.52-55), ao analisar o ressentimento, considerou-o como o ódio interiorizado e recalçado pelos inferiores. Mostra o filósofo que os vencedores, os que mandam, os que estão em posição superior não podem sentir ressentimento, pois esse estado patêmico deriva da interiorização e recalque do ódio pelos que estão subordinados numa hierarquia de status ou sentem-se assim.⁷ É isso que pode explicar a cumplicidade e solidariedade de certas categorias docentes contra os que são vistos como membros de um mandarinato universitário ou a de alunos contra docentes. É o ressentimento o que explica a criação de determinadas normas de avaliação e os resultados de certas avaliações. Pode ainda ser explicado por esse estado passional muito do igualitarismo que perpassa a universidade e que se manifesta contra qualquer avaliação bem fundada das atuações e na zombaria àqueles que são considerados grandes intelectuais.

Um outro lugar onde grassa o ressentimento são as profissões culturais fora da universidade: jornalistas, publicitários, etc. Nesse caso, os profissionais representam seu trabalho como criação intelectual e ressentem-se do fato de não terem o reconhecimento universitário. Aí, o mesmo universo de queixas e acusações à instituição acadêmica se reproduz: os professores são pouco produtivos, não atentam para a vida real da criação cultural contemporânea, circunscrevem-se ao canônico para não correr riscos, etc.

⁷ Em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, Miranda tem profundo ressentimento da mulher, Estela, porque ele não pode mandá-la embora, apesar de constantemente traído por ela, pois seu dote é que garante a casa comercial que ele tem. Além disso, não consegue não desejar a mulher. Sente-se social e moralmente inferior a ela (1957, p.22-25). É ressentido contra o vizinho, João Romão, porque ele “fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre; [...] para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa” (1957, p.32). Juntando os dois ressentimentos, assim ele analisa sua vida, expondo, com sinceridade, seu sentimento de inferioridade: “Mas então, ele, Miranda, que se supunha a última expressão da ladinagem e da esperteza; ele, que, logo depois do seu casamento, respondendo para Portugal a um ex-colega que o felicitava, dissera que o Brasil era uma cavalgada carregada de dinheiro; ele, que se tinha na conta de invencível matreiro, não passava afinal de um pedaço de asno comparado com o seu vizinho! Pensara fazer-se senhor do Brasil e fizera-se escravo de uma brasileira mal-educada e sem escrúpulos de virtude! Imaginara-se talhado para grandes conquistas, e não passava de uma vítima ridícula e sofredora!... Sim! no fim de contas qual fora a sua África?... Enriquecera um pouco, é verdade, mas como? a que preço? hipotecando-se a um diabo, que lhe trouxera oitenta contos de réis, mas incalculáveis milhões de desgostos e vergonhas! Arranjara a vida, sim, mas teve de aturar eternamente uma mulher que ele odiava! E do que afinal lhe aproveitara tudo isso? Qual era afinal a sua grande existência? Do inferno da casa para o purgatório do trabalho e vice-versa! Invejável sorte, não havia dúvida!

Na dolorosa incerteza de que Zulmira fosse sua filha, o desgraçado nem sequer gozava o prazer de ser pai. [...] Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse é que havia de ser a vida!... Filho da mãe, que estava tão livre e desembaraçado como no dia em que chegou da terra sem um vintém de seu! esse, sim, que era moço e podia ainda gozar muito, porque, quando mesmo viesse a casar e a mulher lhe saísse uma outra Estela, era só mandá-la para o diabo com um pontapé! Podia fazê-lo! Para esse é que era o Brasil!” (1957, p.32-33).

É interessante que essa vingança recalcada parece o desprezo a certos valores e a defesa de outros. No entanto, esse desdém dá-se apenas no modo do parecer. Na aparência, o que o ressentido faz é defender as mais puras tradições e virtudes acadêmicas. Na verdade, ele “deprecia” o que admira, “menoscaba” o que gostaria de poder fazer, “menospreza” o que queria ser. Desprezar é reconhecer como indigno de estima, como moralmente condenável; é sancionar negativamente dada ação.

O ressentido sempre justifica suas ações, por razões relacionadas, como seria de esperar, a sua esfera de atividade. Cabe lembrar, neste ponto, a advertência de Gramsci (1978) a propósito da pretensão de apresentar qualquer posição na política ou na ideologia como expressão imediata da infra-estrutura. Diz ele que muitos atos políticos têm sua motivação na necessidade de dar coerência a um partido, a uma facção ou a uma sociedade. Muitas lutas ideológicas decorrem de necessidades internas de caráter organizativo. Seria romancear a história buscar as causas desses fatos na estrutura econômica. Mostra ele, para comprovar sua afirmação, que, na disputa teológica entre Roma e Bizâncio sobre a procissão do Espírito Santo, não se pode buscar, na estrutura da Europa Oriental, as motivações para a afirmação de que o Espírito Santo provém apenas do Pai e, na do Ocidente, as justificativas para o dogma de que o Espírito procede do Pai e do Filho. A distinção e o conflito entre as duas Igrejas é que está na dependência das determinações em última instância. No entanto, como são organizações religiosas, elas marcaram essa divisão com questões que são princípio de distinção e de coesão interna de cada uma delas. No entanto, uma poderia ter afirmado o que a outra sustentava, sem que o problema da divergência se alterasse. Não é a bandeira casual que constitui o problema histórico, mas os conflitos e as lutas (GRAMSCI, 1978, p.118-119). O paralelo com a exposição gramsciana poderia surpreender, já que não estamos aqui diante de nenhuma explicação das determinações em última instância das posições universitárias. Ela vale, no entanto, para mostrar que muitas vezes as dissensões presentes na universidade, que se apresentam como posições sobre os fins da instituição acadêmica e sobre os meios de alcançá-los, na verdade, podem ser explicadas como fruto do ressentimento.

Resumindo, poder-se-ia dizer que essa paixão resulta de um sentimento de injustiça, verdadeiro ou presumido, que leva a estados difusos de ódio, inveja, hostilidade. O sujeito é impotente para reagir contra o que deu origem a seu descontentamento e, portanto, revive-o com intensidade. Isso produz uma malquerença, que conduz à lamúria ou a colocar-se no papel do bom, do justo.

Talvez a análise da personagem Juliana, criada de Luísa, de *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, ajude a entender esse comportamento. Em Juliana, Eça pinta a paixão do ressentimento. A criada, maltratada pela vida, desprezada pelos

homens, espera conseguir um pequeno capital com que possa estabelecer-se, para poder não mais servir como criada. No entanto, uma doença retira-lhe qualquer esperança de não mais trabalhar como doméstica e, por isso, ela torna-se ressentida:

Servia havia vinte anos. Como ela dizia, mudava de amos, mas não mudava de sorte. Vinte anos a dormir em cacifros, a levantar-se de madrugada, a comer os restos, a vestir trapos velhos, a sofrer os repelões das crianças e as más palavras das senhoras, a fazer despejos, a ir para o hospital quando vinha a doença, a esfalfar-se quando voltava a saúde!... Era de mais! Tinha agora dias em que só de ver o balde das águas sujas e o ferro de engomar lhe embrulhava o estômago. Nunca se acostumara a servir. Desde rapariga sua ambição fora ter um negociozito, uma tabacaria, uma loja de capelista ou de quinquilharias, dispor, governar, ser patroa: mas, apesar de economias mesquinhas e de cálculos sófregos, o mais que conseguira juntar foram sete moedas ao fim de anos: tinha então adoecido; com o horror do hospital fora tratar-se para casa de uma parenta; e o dinheiro, ai! derreteria-se! No dia em que trocou a última libra, chorou horas com a cabeça debaixo da roupa.

Ficou sempre adoentada, desde então, perdeu toda a esperança de se estabelecer. Teria de servir até ser velha, sempre, de amo em amo! Essa certeza dava-lhe uma desconsolação constante. Começou a azedar-se (QUEIROZ, 1966, p.914-915).

Ela recalca o ódio, mas odeia os patrões, todos eles. Queixa-se de tudo, alegra-se com o sofrimento alheio:

O pão! Aquela palavra que é o terror, o sonho e a dificuldade do pobre assustou-a. Era fina, dominou-se. Começou a fazer-se “uma pobre mulher”, com afetações de zelo, um ar de sofrer tudo, os olhos no chão. Mas roia-se por dentro: veio-lhe a inquietação nervosa dos músculos da face, o tique de franzir o nariz: a pele esverdeou-se-lhe de bilis.

A necessidade de se constringer trouxe-lhe o hábito de odiar: odiou sobretudo as patroas, com um ódio irracional e pueril. Tivera-as ricas, com palacetes, e pobres mulheres de empregados, velhas e raparigas, coléricas e pacientes; – odiava-as a todas, sem diferença. É patroa e basta! Pela mais simples palavra, pelo ato mais trivial! Se as via sentadas: – Anda, refestela-te, que a moura trabalha! Se as via sair: Vai-te, a negra cá fica no buraco. Cada riso delas era uma ofensa à sua tristeza doentia; cada vestido novo uma afronta ao seu velho vestido de merino tingido. Detestava-as na alegria dos filhos e nas prosperidades da casa. Rogava-lhes pragas. Se os amos tinham um dia de contrariedade, ou via as caras tristes, cantarolava todo o dia em voz de falsete a *Carta Adorada!* (QUEIROZ, 1966, p.914).

Seu grande desejo, na verdade, era ser patroa:

Estavam acabadas as canseiras. Ia jantar, enfim, o *seu* jantar! Mandar, enfim, a *sua* criada! A *sua* criada! Via-se a chamá-la, a dizer-lhe de cima para baixo: – Vá, faça, despeje, saia! – Tinha contrações no estômago, de alegria. Havia de ser boa ama. Mas que lhe andassem direitas! Desmazelos, más respostas, não havia de sofrer a criadas! (QUEIROZ, 1966, p.916).

Embora odeie todos os patrões, desempenha suas tarefas com afinco e camufla seus sentimentos (cf., por exemplo, QUEIROZ, 1966, p.915).

Quando descobre umas cartas de amor de Basílio a Luísa, não se vinga, mas chantageia a patroa. De um lado, deseja presentes de todos os tipos, mas o mais importante é que inverte os papéis. Faz de Luísa sua criada. Enquanto esta limpa a casa, passa a ferro, etc., aquela descansa, dorme, passeia. Quando a cozinheira estranha o que está ocorrendo e toma partido da patroa, Juliana obriga Luísa a despedi-la. Não suportando mais, a dona da casa conta o que se passa a um amigo da família, que, com auxílio de um policial, entra na casa na ausência dos senhores, surpreende a criada e recupera as cartas. Então, enraivecida, Juliana morre de um ataque do coração.

Estão aí todos os ingredientes do ressentimento: posição inferior numa dada hierarquia; expectativa de ascensão; saber que ela não se dará; insatisfação e decepção; interiorização e recalçamento de um ódio, que se manifesta num sentimento de malquerença; impotência para vingar-se, que explode em queixa de tudo ou em acusações feitas a partir da posição da vítima inocente. Se pensarmos bem, são essas as substâncias que compõem a receita que molda o ambiente acadêmico em que vivemos: queixas, lamúrias, acusações, difamações, futricas, fuxicos, calúnias, mentiras, sob uma imagem de polidez e boa convivência.

FIORIN, J. L. Semiotics of passions: resentment. *Alfa*, São Paulo, v.51, n.1, p.9-22, 2007.

- **ABSTRACT:** *After indicating the reasons why Semiotics felt the need to rigorously study passion, this paper notes that Greimas distinguishes between passionate discourse and the discourse of passion. That difference points to a double manifestation of feelings in discourse: in the enunciation and in the utterance. In the first, a passionate discursive tone is generated; in the second, the affections can be mentioned and represented. In examining the passions, Semiotics does not intend to explain the temperaments or characters. The meanings of passion and its effects are constructions of language, which are derived from temporary arrangements, from the intersections and combinations of various modalities. Furthermore, after seeing how passions, especially resentment, profoundly mark life in academia, this paper develops a description of that passion and shows the implications of its presence in everyday academic life.*
- **KEYWORDS:** *Discourse of passion; passionate discourse; modalization; resentment; enunciation; utterance.*

Referências bibliográficas

- ALVES, A. de C. *Os escravos*. São Paulo: Martins, 1972.
- ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1991.
- ASSIS, A. M. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979. v.1.
- AZEVEDO, A. *O cortiço*. 13. ed. São Paulo: Martins, 1957.
- BARROS, D. L. P. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico*, Porto, v.11/12, p.60-73, 1989/1990.
- DESCARTES, R. *Les passions de l'âme*. Paris: Librairie Générale Française, 1990.
- FONTANILLE, J. Le tournant modal en sémiotique. *Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v.23, p.175-190, 1995.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GREIMAS, A. J. *Du sens II. essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.
- KEHL, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- MERTON, R. K. *Eléments de théorie et de méthode sociologique*. Paris: Plon, 1965.
- NIETZSCHE, F. *La généalogie de la morale*. Paris: Gallimard; Folio, 1971.
- QUEIROZ, E. de. *Obras completas*. Porto: Lello & Irmão, 1966. v.1.
- SCHELER, M. *L'homme du ressentiment*. Paris: Gallimard, 1958.
- TÁCITO. *Annales*. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- VOLTAIRE. *Cândido ou o otimismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.